

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A VIVÊNCIA NO PIBID EM UMA ESCOLA BILÍNGUE PARA SURDOS

NATÁLIA PEREIRA BAUMGARTEN¹; THERENA DA LUZ OBELHEIRO²;
JÉSSICA CASTRO AMORIM ACOSTA³ MELISSA NOVACK OLIVEIRA
RIBEIRO⁴;

ROGERS ROCHA⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – nvpnathy@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – therenadaluzobelheiro@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jessicacamorim@hotmail.com

⁴Escola Especial de Educação Bilíngue Professor Alfredo Dub – melissanovack@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – rogers.rocha89@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como finalidade apresentar a trajetória das autoras, discentes do curso de Letras Libras/Literatura Surda da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com atuação na Escola Especial de Educação Bilíngue Professor Alfredo Dub. A inserção nesse espaço educativo tem se configurado como uma vivência enriquecedora e transformadora, proporcionando uma compreensão mais aprofundada acerca dos processos de ensino e aprendizagem de crianças surdas, bem como sobre os aspectos culturais e identitários da comunidade surda.

As observações e práticas desenvolvidas ao longo da atuação no PIBID têm possibilitado a articulação entre teoria e prática, elemento fundamental na formação docente em Libras e Literatura Surda. Este relato tem, portanto, o propósito de descrever e refletir sobre a experiência vivenciada pelas autoras no primeiro semestre do ano de 2025, no contexto da escola bilíngue, enquanto bolsistas do referido programa.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Durante o período de atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), participamos de diversas atividades de interação e pedagógicas na Escola Especial Bilíngue Professor Alfredo Dub, acompanhando de perto as práticas desenvolvidas pelos professores surdos e ouvintes bilíngues da instituição. As ações realizadas incluíram momentos de observação, reconhecimento dos espaços escolares e das salas de aula, trocas e conversas com os docentes, bem como o envolvimento direto em atividades práticas junto às turmas.

Entre as experiências vivenciadas neste período, destacaram-se a prática de jogos pedagógicos em sala de aula, a observação de aulas de Libras voltadas especificamente para alunos surdos e deficientes auditivos, as trocas de experiências com professores surdos e ouvintes, bem como a participação atuante em momentos de contação de histórias em Libras. Essas vivências proporcionaram

uma imersão concreta nos processos pedagógicos bilíngues, favorecendo a construção de um olhar mais sensível e crítico sobre a prática docente.



Figura 2 - Sala de aula
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 1 - Prática com jogos
Fonte: Arquivo pessoal

Além disso, observou-se com especial atenção o uso de recursos visuais, expressões faciais e corporais pelos professores, elementos fundamentais para a construção do sentido em uma língua visual-espacial. A maneira como a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é incorporada ao cotidiano escolar como primeira língua (L1) dos alunos surdos evidencia o compromisso da escola com uma educação linguística centrada na identidade surda. Conforme destaca Quadros (2006), o reconhecimento da Libras como L1 para estudantes surdos é essencial para garantir seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e identitários.



Figura 3 e 4 - Professores de Libras atuando em sala de aula

Fonte: Arquivo pessoal

As atividades vivenciadas contribuíram para uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados pelos alunos surdos, reforçando a importância de práticas pedagógicas sensíveis às suas especificidades linguísticas e culturais. Além das práticas realizadas em sala de aula, as bolsistas participaram de diversos momentos de socialização e integração cultural no ambiente escolar, como brincadeiras com os alunos, atividades culturais organizadas pela escola, rodas de conversa e apresentações artísticas em Libras.

Essas vivências contribuíram significativamente para a aproximação com a cultura e a comunidade surda, permitindo que as bolsistas compreendessem, de forma mais sensível e concreta, os modos de ser, comunicar e interagir próprios da experiência surda. Tais momentos revelaram o protagonismo dos estudantes surdos e a valorização de suas identidades no contexto escolar, evidenciando a importância de uma educação visual, bilíngue e culturalmente situada.

A convivência cotidiana com estudantes surdos e ouvintes em um ambiente bilíngue, onde a Libras ocupa o lugar de língua de instrução e expressão, ampliou a compreensão das bolsistas sobre a escuta pedagógica. Inspiradas pelos ensinamentos de Paulo Freire (1996), reconhecem que “ensinar exige escuta respeitosa” (p. 99). No contexto da educação bilíngue para surdos, essa escuta vai além do aspecto auditivo: trata-se de uma escuta visual, sensível e afetiva, que acolhe o outro em sua totalidade sua língua, sua cultura, sua visualidade e sua identidade surda.

Nessa perspectiva freireana, o ato de educar se concretiza no diálogo. E foi nesse diálogo que as bolsistas se posicionaram não como meras transmissoras de conhecimento, mas como participantes ativas em um processo de trocas recíprocas, no qual se aprende tanto quanto se ensina. Conforme aponta Strobel (2008, p. 78), “a escola bilíngue para surdos deve ser um espaço de valorização da diferença, da cultura surda e da experiência visual”. Essa premissa foi vivenciada de maneira concreta ao longo da experiência, especialmente ao observar como a estrutura da escola, os materiais e as práticas pedagógicas estavam alinhadas com uma proposta educacional verdadeiramente bilíngue e inclusiva.

Prodanov e Freitas (2013) destacam que o relato de experiência configura-se como uma ferramenta importante para a sistematização e divulgação de práticas pedagógicas bem sucedidas. Assim, este texto tem como propósito compartilhar, de forma reflexiva, a vivência das bolsistas em um contexto real de atuação docente, experiência que se revelou profundamente formativa e enriquecedora para sua trajetória acadêmica e profissional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada pelas bolsistas no contexto da Escola Especial de Educação Bilíngue Professor Alfredo Dub revelou-se profundamente formativa e significativa para sua construção profissional como futuras professoras de Libras e Literatura Surda. Estar inseridas em um espaço educacional que valoriza a Libras como L1 e reconhece a cultura surda como base do processo educativo possibilitou não apenas o aprendizado de práticas pedagógicas eficazes, mas também o fortalecimento de uma postura ética e respeitosa diante da diversidade linguística.

O contato direto com professores surdos, alunos e toda a comunidade escolar favoreceu uma compreensão mais sensível sobre o papel da escola bilíngue como espaço de pertencimento, empoderamento e construção identitária. Como destacam Prodanov e Freitas (2013), relatos de experiência têm papel

fundamental na sistematização e na divulgação de práticas exitosas. Assim, este texto cumpre o papel de registrar e refletir sobre uma vivência real de iniciação à docência, marcada por trocas significativas, aprendizagens mútuas e pelo fortalecimento do compromisso com uma educação mais justa, inclusiva e visualmente acessível.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o uso de intérpretes de Libras – Língua Portuguesa. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. rev. e ampl. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2006.

STROBEL, Karin. Ouvindo com os olhos: a educação de surdos, suas identidades e culturas. 2. ed. Petrópolis: Arara Azul, 2008.